RELATO DE EXPERIÊNCIA - TICS NA PROMOÇÃO E PREVENÇÃO À SAÚDE

RESISTÊNCIA ARCO-ÍRIS: A E-SAÚDE COMO ESTRATÉGIA DE PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA DA POPULAÇÃO LGBTQI+

Ianê Germano De Andrade Filha (ianefilha@gmail.com)

Angélica Baptista Silva (silva.angelica@gmail.com)

Cosme Marcelo Furtado Passos Da Silva (cosme@ensp.fiocruz.br)

Bruna Gurgel Da Silva (bruna-marx@hotmail.com)

Clarisse Cavalcante Kalume (clakalume@gmail.com)

Erica Lima (elima@ensp.fiocruz.br)

Introdução: A população LGBTQI+ historicamente é alvo de preconceito e violência ao redor do mundo, essas práticas muitas vezes podem custar a vida dessas pessoas. Mesmo esse movimento tendo uma base ativista forte que luta em prol dos seus direitos, tanto nacional como internacionalmente, os dados ainda revelam um cenário desfavorável. O Brasil tem apresentado índices cada vez mais altos quando se trata de preconceito e violência contra essa população. Os assassinatos praticados contra esse público, cresceu em 30% entre os anos de 2016 e 2017 e em 2019 o Brasil chega a 68ª posição no ranking de países seguros para LGBTs. Nessas circunstâncias é praticamente impossível que essas pessoas consigam ter saúde e qualidade de vida. Diante desse cenário, faz-se necessário traçar estratégias que sejam capazes de minimizar esse impactos e proteger a população. O objetivo do projeto é desenvolver aplicativos móveis que sejam capazes de oferecer informações e

artifícios adequados para proteger a população LGBTQI da violência, sobretudo em situações de risco.

Metodologia: O projeto está em sua fase inicial, na sua fase de planejamento e realização das ações. Nesse momento a equipe executiva tem se reunido presencialmente e realizo parceria e pactuações com o movimento social, a fim de garantir que os aplicativos seja feito de forma participativo. Serão realizados protótipos , de acordo com a demanda do público, que posteriormente serão testados e validados.

Resultados e Conclusões: Ainda que os números sejam alarmantes, muitos casos de violência ainda são subnotificados. Isso porque, ainda não há tantos mecanismos eficazes de denúncias e proteção, que captem os números reais. Além disso, pode também haver equívocos nas investigações que façam com que os casos não sejam tipificados como LGBTQFobia